



LUIZ RUFFATO

os ases de cataguases

(Uma história dos primórdios do Modernismo)



EDITOR-EMPRESA

Instituto Francisca de Souza Peixoto

Oficialmente, a revista *Verde* acabou em maio de 1929, quando foi editado o número 1 da segunda fase, dedicado à memória do poeta Ascânio Lopes, que havia morrido, com 23 anos incompletos, em janeiro. A morte de Ascânio parece ter causado um certo desânimo nos companheiros, tanto que é relacionada diretamente ao fim da revista por Rosário Fusco:

“(…) Verde está morta desde 1929, quando morreu também o nosso querido Ascânio Lopes”

Por Enrique de Resende:

“(…) Não tivemos coragem de caminhar sem o companheiro que tombara. O poeta da ‘noivinha imaginária’ tinha muita coisa a dizer, mas não podia. Também nós. E foi por isso que, em maio daquele mesmo ano, sepultamos Verde”.

Mas, apesar da importância desses depoimentos, a verdade é que a revista *Verde* agonizava desde dezembro de 1927, ou seja, um ano e meio antes.

Rosário Fusco, então com 17 anos, é quem se encarregou da revista, já que, apesar de constar como redator no expediente, exercia as funções de executivo da publicação. Enrique de Resende conciliava seu emprego de engenheiro da Estrada de Ferro Leopoldina com a responsabilidade de chefe de família, restando-lhe pouco tempo para se dedicar à revista. Martins Mendes, além de diretor-secretário, era também professor no Ginásio Municipal, e suas atividades literárias eram bastante limitadas, haja vista que sua colaboração efetiva na *Verde* ocorreu somente nos dois primeiros números e no último. Em dezembro de 1927, Fonte-Boa, Oswaldo Abritta e Camillo Soares já haviam se desligado do empreendimento. Ascânio Lopes estava em Belo Horizonte, cursando Direito, e Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto preparavam-se para seguir o mesmo caminho. As dificuldades, como se pode ver, eram imensas para dar continuidade à revista.

O golpe fatal, porém, ocorreu no início de 1928. Enrique de Resende troca de emprego e passa a se dedicar à construção de estradas de rodagem para o governo

mineiro, ausentando-se portanto, da cidade. Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto foram, de vez, para Belo Horizonte. Ascânio, já acometido pela tuberculose, volta para Cataguases, fins de março, começo de abril, e vai morar no sítio de seus pais adotivos, numa casa um pouco afastada da cidade. Consegue emprego e vai dar aulas na Escola Normal, mas não tem ânimo nem saúde para cuidar da revista, que continua sendo levada por Rosário Fusco. Nessa mesma época, têm início as atividades editoriais do grupo, com a publicação de obras coletivas: *Poemas cronológicos*, de Enrique de Resende, Ascânio Lopes e Rosário Fusco e *Meia-Pataca*, de Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto.

Assim, em junho de 1928, aparece o nº 5 da *Verde*, com data de janeiro, trazendo suplemento especial relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio, o único cuja capa não é verde, e sim vermelha: “Por causa da grande pressa que nós tínhamos de botar pra fora Verde nº 5, que por sinal já anda vermelhinha de vergonha, (...)” Foi a última tentativa de reerguer a revista, o que denotava claramente a dispersão do grupo, tanto física quanto de interesses. Aliás, o nº 5 da *Verde* foi o único editado nas oficinas do jornal *Cataguases*: todos os outros, inclusive o nº 1 da segunda fase, foram impressos na tipografia de “A Brasileira”.

Parece que a *Verde* nº 1, segunda fase, só foi publicada em função da morte de Ascânio Lopes, fato que acabou unindo os antigos companheiros em torno de um objetivo comum, prestar uma homenagem póstuma ao poeta. No mesmo ano de 1929, aparecem os dois últimos frutos diretamente ligados à história da revista *Verde*: a publicação de *Fruta de Conde*, de Rosário Fusco, e *Treze poemas*, de Martins Mendes.

Em 1939, Guilhermino César iria afirmar:

“(...) nesse interim, aconteceram-nos muitas coisas desagradáveis. A vida, carregada de intenções misteriosas, começou a brincar conosco. Ascânio morreu logo depois, tendo-nos deixado uma produção lírica realmente notável. A morte do companheiro não arrefeceu de todo o nosso entusiasmo. A revista ainda aguentou um número, publicado em sua homenagem. (...)”

E um dia morreu, por falta de dinheiro. A distribuição era difícil, os anúncios, quiméricos, e a vida nos solicitava para o trabalho de ganha-pão.”

E aqui acaba a história da revista *Verde*. Cumprida sua função, a de servir como órgão de divulgação das novas ideias modernistas num momento em que praticamente não havia canal de expressão adequado nos grandes centros, a revista não tinha mais razão de existir. O *crack* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, mudou o quadro econômico mundial e suas consequências desastrosas aceleraram a criação de um quadro favorável à deposição de Washington Luís e à ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Nesse momento, o Modernismo deixa de ser um movimento de rebelião contra a literatura oficial identificada com as ideias ultrapassadas da República Velha para se constituir numa literatura de construção. Deixam de existir os grupos organizados em torno de revistas e manifestos e os escritores partem para o desenvolvimento de obras individuais.

“A morte de *Verde*”, Luiz Ruffato in *Os ases de Cataguases (Uma história dos primórdios do Modernismo)*, Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2009, pp. 89-94.